

Quando a BR-101 passou no fundo do meu quintal: entrecruzando tempos e caminhos

Adriana Berretta*

Resumo: Este artigo enfoca as transformações decorrentes da construção da BR-101, entre 1950-1970, na cidade de Itapema (SC), e nos seus moradores, os quais, ao se depararem com as obras da rodovia, passam a ver ressignificados seus espaços, em função da modernidade que se apresenta. O texto aborda também o modo como os moradores lidaram com essas reconstruções.

Palavras-chave: memória, modernidade e cidade.

Abstract: This article focuses the transformations made by the construction of the BR-101 (a federal road), between 1950-1970, in the city of Itapema (SC) and in its inhabitants, whose, when faced the construction of the road, started to see their spaces with new meanings, due the modernity that it was presented. The text also approaches the way that the inhabitants tried to deal with these reconstructions.

Keywords: memory, modernity and city.

O presente artigo trata de história, de memória e da BR-101, que atravessou os espaços dos moradores de Itapema. O texto apresenta a cidade de Itapema, através de um enfoque teórico-metodológico que busca articular a história oral e apreender como a construção da rodovia federal BR-101 causou impacto no cotidiano dos moradores da cidade. A iniciativa do estudo surgiu em função do fascínio dos moradores, percebido pela pesquisadora, quando da duplicação da rodovia.

O questionamento inicial foi se a rodovia, em processo de duplicação, despertava algum tipo de interesse nos moradores que acompanhavam cotidianamente os trabalhos das máquinas. Com essa referência partiu-se para a elaboração, em torno do que teriam causado, nos moradores em 1950, as obras da primeira rodovia, feitas na localidade.

Itapema: a cidade que configura em função dos novos tempos

Tomar a cidade de Itapema como objeto de pesquisa, auxilia a perceber as combinações materiais e as representações culturais das categorias modernidade e modernização. Segundo Gorelik¹, a modernidade para alguns é percebida como algo distante, de que já se ouviu falar, que desperta curiosidade e, portanto, cumpre com seu papel simbólico, que ao mesmo tempo fascina e atemoriza.

Uma abordagem cultural da cidade, onde os diferentes dados obtidos sejam cruzados, sob a forma de imagens ou discursos, oferece uma leitura da própria cidade dentro do processo desenvolvimentista brasileiro. Isso significa ir além das transformações espaciais, infiltrando-se pelo caminho das "representações simbólicas da urbe, que podem corresponder ou não à realidade sensível, sem que com isso percam a sua força imaginária"².

Quando se considera essas vivências e experiências do homem em sociedade, nas quais os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, são percebidos como construção coletiva, esse olhar acurado faz com que sejam captados indícios que auxiliam na visualização da vida cotidiana com seus embates e transformações, tornando possível relacionar essas situações rotineiras aos eventos maiores. Nesse contexto, o entendimento de como um espaço efetiva suas construções, resistências e transformações através da memória e projetos, possibilitaram leituras sobre como a rodovia federal BR-101, repercutiu nessa localidade.

Os impactos da construção da BR-101 se refletem nos indícios captados onde as rupturas atuam como sinais que os remetem ao passado, auxili-

* Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: d.educacional@terra.com.br

¹ GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo. *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1991. p.59.

² PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, p.282, 1985.

ando-nos na tentativa de dar visibilidade às essências da vida cotidiana, representada em suas negociações, manifestações culturais e relações de poder.

A modernidade, aqui apresentada nas aspirações, usos e assimilações pautadas em contradições e contrastes, inserem novos comportamentos e linguagens, hábitos que conferem à cidade uma outra identidade.

Na cidade de Itapema, outro ritmo passa a configurar-se, desde o início da construção da rodovia. Esse movimento, que inclui a velocidade, o redimensionamento dos espaços, as noites menos emblemáticas, as novas tecnologias e os novos sujeitos, exige uma adaptação que se reveste de lembranças saudosistas do antigo e da convivência com o novo.

Nesse processo fica evidente a dificuldade de lidar com o novo, que consiste no surgimento da BR-101, (rodovia com antiga denominação de BR-59 e que em 1964 passa a figurar no Plano Nacional de Viação como BR-101, rodovia longitudinal pela lei n° 4.562) na vida das pessoas, porque todo o processo não é unidimensional, mas um movimento sinuoso, não metódico *“o que eles revelam não é um avanço linear da escuridão para a claridade, mas uma constante redefinição de onde nós estávamos, onde estamos agora e para onde vamos”*³.

No que tange à cidade de Itapema, objeto deste estudo, sabe-se que seus primeiros moradores datam de 1701⁴, quando ainda era um povoado de agricultores que se instalaram nessa região e fizeram herdar suas terras à sua prole. Os relatos desse período dão conta de que a cidade se restringia aos poucos viajantes estrangeiros e nacionais, que por ali passavam.

Por volta de 1840, Itapema, que pertencia ao município de Porto Belo, foi elevada à categoria de arraial. Nessa condição, ficava à margem de investimentos e infra-estrutura, o que levou os moradores e as lideranças políticas locais a reivindicarem a sua emancipação⁵.

Observando o mapa a seguir, do município de Porto Belo, época inicial desta análise, Itapema se constituía num distrito, situação que perdurou de 1915 a 1962. Nesse último ano, emancipou-se, conforme Resolução 1/62 da Câmara de Porto Belo.

O processo de emancipação da Vila de Itapema, que culminou em 22 de abril de 1962, demonstra as articulações políticas presentes no cotidiano desta localidade, isto é, o fazer político que se baseava nas alianças estabelecidas, em Itapema não aconteceu de maneira diferente. As pessoas de maior influência, tomavam a dianteira nas discussões relativas à emancipação do município, o que gerou pressões por parte dos vereadores de Itapema, na Câmara de Porto Belo, especialmente do Sr. Olegário Bernardes, para que a criação do município ocorresse.

Figura 1: Mapa do Município de Porto Belo-1950
Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina



Segundo Sr. Higino, *“Olegário Bernardes foi o articulador da emancipação política de Itapema, tendo sido seu primeiro prefeito eleito. Na ocasião da emancipação era vereador por Itapema, no município de Porto Belo”*⁶.

³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC. (s.d.). p.215.

⁴ FARIAS, Vilson Francisco de. *Itapema: natureza-história-cultura*. Itapema: Editora do autor, 1999. p. 51.

⁵ Entrevista cedida a Adriana Berretta pelo Sr. Higino Oltramari, no dia 19/07/2006.

⁶ Oltramari, Higino. Ent. cit.

O Sr. Olegário Bernardes não representava seus interesses individuais, outras lideranças de relativo prestígio como o Sr. Carlos Romeu dos Santos, João Francisco Pio, Hironildo Conceição dos Santos, Higinio Pio, Antônio Bastos Pereira, Dimas Campos, Simas Campos, João Paulo de Oliveira que também se mostravam descontentes com o que se apresentava no distrito, exerciam pressões para a emancipação municipal. Isso talvez traduzisse o desagrado quanto à submissão a Porto Belo, representado nas reivindicações de melhorias que não vinham sendo promovidas no distrito.

Concebida nestes termos, a emancipação, poderia ser o impacto das vozes que clamavam pela modernidade no país, pois os vereadores tinham contato com informações de âmbito estadual e nacional, que muitas vezes a cidade não oferecia e tomando conhecimento, objetivavam outros rumos para a cidade, sendo que as lideranças políticas de Itapema advinham dos antigos partidos políticos UDN (União Democrática Nacional), PSD (Partido Social Democrático) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

Segundo Delgado⁷ a história se configura como um processo de construção contínua, como tal admite tanto sujeitos individuais, como coletivos. Essa estrutura envolve *“ideologias, cultura, vida privada, ações públicas, representações, imaginários, lutas, reações, resistências, valores, instituições”*⁸, diversas proposições que configuram a inserção do homem na sua coletividade, através dos tempos.

Ao referenciar-se o cotidiano político, torna-se pertinente perceber tal cenário como uma rede de relações que imbricadas, denotam dinâmicas sociais ora conflituosas e/ou ora consensuais.

Nesse momento, percebe-se que fazer parte de um grupo, tendo como pressuposto a militância ou a visibilidade pública, faz das organizações políticas um instrumento de reunião de pessoas com compartilhamento de projetos comuns, mesmo que na teoria, seja um ato que demonstra que os sujeitos, construtores da história política de uma localidade, interferiram e propagaram suas idéias e ações.

Nessa perspectiva, é interessante perceber a força pela qual, os ideários político-partidários faziam parte do cotidiano desses moradores. O Sr. José Machado tem em suas lembranças o hino cantado na escola, em referência ao líder político do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) - o presidente Getúlio Vargas - que dizia o seguinte:

*Brasil, ó rincão querido,
Prezado pelo mundo novo,
Destruído estava seu futuro,
Porque pretendiam dominar seu povo.
Surgiu Getúlio Vargas,
O presidente brasileiro,
Que entre seus filhos
Como um herói foi o primeiro.
Ainda temos na memória
Esses atos de patriotismo.
Hoje tens nome na história
Na emergência de teu negro abismo.
Porque existia em seu seio,
Entre os valores verdadeiros,
Getúlio Vargas, que veio
Mostrar ser o Brasil dos brasileiros.*

Brasil, ó rincão querido...⁹

É bastante perceptível a expressão de um pertencimento ideológico partidário, pois tal hino foi ensinado na escola, pela professora, o que naquele tempo já os envolvia em demonstrações de fidelidade partidária, que repercutiria na sua vida política adulta. Assim no contexto político catarinense, com suas singularidades regionais, a reformulação partidária seguiu o modelo nacional. Tanto o PSD como a UDN, foram oficializados no Estado em 1945.

Segundo Meirinho, com a criação dos partidos nacionais e sua proliferação nos vinte anos subseqüentes, esse cenário mostrava que *“apesar dos arranhões que o processo democrático sofria, suas presenças assimila-*

⁷ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. RJ: Civilização Brasileira, 2003. p.129.

⁸ Id.

⁹ Os autores da música são Zé Pretinho e Antônio dos Santos, feito no ritmo de marcha, em março de 1937 e presente nas lembranças do Sr. José Machado.

ram a vontade popular, mesmo sem fidelidade aos programas, paulatinamente vinham ganhando afirmação e identidade. A cada eleição notava-se maior participação popular”¹⁰.

Como imposição militar, em 1965, extinguiu-se o pluripartidarismo através do Ato Institucional n.º 2, de 27 de outubro. Esse mecanismo seguiu-se da criação de duas novas agremiações: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), composta por políticos da situação e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) com componentes que faziam uma oposição vigiada.

Nesse período - 1965 - Itapema vive o desenlace do panorama nacional, suas lideranças políticas reproduziam os ideais do que era buscado neste período. Tendo por influência esse quadro, as disputas políticas, não deixam de ser acirradas, o ambiente na cidade exige definições de alianças, o que atribui conseqüências públicas ao grupo não vitorioso. Dona Basta, então professora na cidade, nos expõe um fato concreto que lhe ocorreu em função da opção partidária de sua família.

Na época me removeram daqui, botaram em Bombinhas (...). O meu marido era da UDN, o governo que ganhou era do outro lado, (...) nem eleitora eu era. (...) Então me tiraram daqui, eu grávida de sete meses, botaram lá em Bombinhas. Até a minha amiga, que eu trabalhava pra ela, Dona Santinha, uma senhora que ta perto hoje dos cem anos 'não me conformo', ela dizia de tirar, remover a Basta, me chamavam de Basta, uma pessoa humilde, uma pessoa que não critica ninguém, nunca fez nada. Sabe problema da política, já naquele tempo você veja”¹¹.

Embasando-se neste dado, é possível verificar que as disputas políticas em Itapema eram muito acirradas e exigiam muita articulação. Todo voto era uma aliança de compromisso não somente com o partido, mas com ideais de grupos bem definidos.

A lembrança desses episódios nos indica Marcon¹² discutindo o tema, que a memória social, procura apreender tanto da subjetividade como os elementos socializados pelo grupo. Essa compreensão pode ser aplicada nessa discussão quando alguns aspectos são privilegiados de modo a retratarem o passado. Assim, ao articular o social e o pessoal da memória, atribuímos a ela um caráter processual que segundo Portelli admite uma dualidade, pois “a memória é um processo individual, que ocorre num meio dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”¹³.

Outros momentos, como o dia da eleição, também são relatados, segundo D.Nerci: “(...) era um dia bastante complicado. (...) As pessoas não se cumprimentavam, era assim um ódio ferrenho. E aquele que ganhava passava meses e meses infernizando, porque era foguete, era todo tipo de coisa”¹⁴.

Outro relato pertinente se refere às relações de vizinhanças que se abalavam durante as disputas eleitorais, como nos fala D. Maria Inez “era brigado, era disputado do mesmo jeito que hoje, era vizinho que não falava com vizinho, continua tudo igual”¹⁵.

Portanto, pode-se afirmar, sem nenhum receio, que em Itapema pertencer a uma sigla partidária, ultrapassa o simples compromisso de filiação, envolve defender interesses que vem sendo negociados desde a origem da comunidade, significa garantir a presença política daqueles que acreditam saber gerir os rumos da cidade.

Em função disto, os relatos apresentados através da memória como algo individual, que se reconstrói cotidianamente em função das vivências que se tem tanto no público, como no privado, são importantes, no sentido em que negociam com os tempos e os espaços e, portanto, constituem-se em representações ou construções da realidade itapemense.

Maluf argumentando sobre a memória, diz ser função da história e, por conseguinte do historiador, remexer nessas lembranças trazendo à tona imagens e falas ocultadas, problematizando-as nesse sentido “o contraponto da história vivida é a análise histórica que toma o passado não como seu, mas como uma representação; não como vivência, mas como o desejo de compreendê-lo, de torná-lo inteligível”¹⁶ passa a se concretizar.

¹⁰ MEIRINHO, Jali. O poder legislativo e as instituições políticas. In: CÔRREA, Carlos Humberto. *A realidade catarinense no século XX*. Florianópolis: IHGSC, 2000. p.214.

¹¹Entrevista cedida a Adriana Berretta pela Sra. Sebastiana Rosa Machado, em 21/04/2005.

¹² MARCON, Telmo. *Memória, história e cultura*. Chapecó: Argos, 2003. p.35-37.

¹³ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História: ética e história oral*, São Paulo, v.15, p.16, abr.1997.

¹⁴Entrevista cedida a Adriana Berretta pela Sra. Nerci Wilda Simas Bernardes no dia 24/08/2005.

¹⁵Entrevista cedida a Adriana Berretta pela Sra. Maria Inez de Oliveira no dia 19/11/2005.

¹⁶ MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p.44.

Partindo dessa premissa, as perseguições, as articulações, negociações e embates manifestados, refletem o resultado de uma prática ainda hoje comumente utilizada, que traduz as diferentes estratégias de poder, ajustadas e que, nestas circunstâncias, dão significado a realidade vivenciada nesse período e ainda hoje justificada.

A cidade, enquanto instituição, necessitava representar-se e para isso, uma edificação precisava ser construída para abrigar a sede política do município, com o intuito de gerir os rumos da localidade, o que veio a pautar os valores de uma época e suas condutas.

Um tempo de modernidade e avanços, que deixaria suas marcas, como uma escrita simbólica inserida num conjunto de ícones que a cidade indica e vão se estruturar.

Tendo como referencial Gorelik,¹⁷ a modernidade se representa na cidade como instrumento para se chegar a uma outra sociedade, manifestando por definição a civilização de uma sociedade que se almeja moderna.

Nesse sentido, submeter a cidade moderna ao debate implica perceber que os espaços produzidos são dinâmicos e interativos, envolvem as diferentes culturas produzidas, trazidas e reconstruídas ao longo do tempo, como um cenário muito mais que um processo mecanicamente produzido.

Para corroborar com esse pressuposto, a cidade nos fornece indícios, fragmentos que nos permitem percorrê-la, construindo significados que vão além da própria cidade, onde esses olhares encontram os processos implícitos e explícitos da modernidade através de suas diversas construções não somente físicas, mas sociais e culturais.

Nesse contexto, Tedesco¹⁸ contribui com essa análise quando vê na memória, na modernidade e na mudança social, um cruzamento dinâmico, plural e conflituoso, que nos permite fazer uma leitura diferenciada da própria realidade, pois segundo o autor *“na modernidade, a memória não aparece mais como um depósito, mas como uma pluralidade de funções, uma complexa rede de atividades de seleção, de filtragem, na reestruturação em correspondência com as necessidades e demandas do presente tanto em nível individual quanto social”*¹⁹.

No que se pôde entender a modernidade pressupõe futuro, nesse sentido a Prefeitura fica no local onde é atualmente, o centro da cidade, e tinha em seu entorno os comércios remanescentes e a maioria populacional. Como se pode perceber, essa localização – no centro de maior visibilidade da discussão política - é intencional, no sentido de gerir e apropriar-se política, econômica e socialmente dos diferentes grupos.

Há que lembrar que, mesmo depois da cidade emancipada, os diferentes grupos políticos geriam suas disputas e alianças, como o próprio Sr. Higinio outrora nos indicou.

A rodovia foi inaugurada em 1971 e, no trecho que cruzava por Itapema, fez com que essas mudanças acelerassem o ritmo de transformações na cidade. As dificuldades em lidar com o atravessar a rodovia, as indenizações, as suas propriedades rasgadas ao meio, o espaço sendo modificado, a velocidade dos veículos, a inserção de novos modos de viver das pessoas que vieram para trabalhar na rodovia e de outras que vieram fixar residência, alteram o cotidiano desses moradores.

Tendo por referência Baczko²⁰, os grupos sociais através de seu imaginário representam sua realidade, ora com expectativas, ora com seus conflitos. Esse contexto que passa a ser concebido em função da BR-101, conforme relato da Sra. Basta, em conversa estabelecida com seu pai quando jovem ainda, nos dá a compreensão de como esse imaginário configura as novas sociabilidades como algo a ser temido:

- *Vai chegar um tempo, que vai aparecer uma cobra preta no mundo.*
- *Mas como pai, uma cobra preta? (ele nem lembra da BR).*
- *Eu não vou ver sua mãe não vai ver, mas vocês vão ver. Essa cobra preta vai matar mais de mil pessoas por dia.*
- *E eu ficava - mas como morrer? A gente conhecia cobra. Ah, a BR! Depois a gente foi crescendo, foi aparecendo o asfalto, o asfalto preto. A cobra preta era o asfalto*²¹.

¹⁷ GORELIK, Adrián. Op. cit. p. 56-59.

¹⁸ TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF, Caxias do Sul: EDUCS, 2004. p.57.

¹⁹ *Ibid.*, p.57.

²⁰ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi*. RJ: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 303.

²¹ MACHADO, Sebastiana Rosa. Ent. cit.

O alcance destas palavras ultrapassa a vivência com a estrada do Morro do Encano, que se assustava e causava aflição, fez do contato com a BR-101 algo que alcançou outras proporções. O ritmo da cidade era incompatível com a velocidade apresentada pelos meios de transportes, que, ainda por cima associados às mortes, causavam nos moradores medo, pois afinal, as pessoas, com as quais conviviam, sofreram acidentes fatais, justamente pela dificuldade de lidar com a velocidade da rodovia.

O tempo da tranquilidade fora rompido pela “cobra preta”, o que no imaginário representava a confirmação da sabedoria de seus predecessores, afinal, seus malefícios anteriormente pregados, se efetivaram nos acidentes vivenciados ou presenciados.

A percepção dessas vivências denota o encantamento, a surpresa, o medo e o apego: sentimentos que reportam os entrevistados frente ao poder e impacto das máquinas e/ou tecnologias que se apresentavam no seu cotidiano, vindos de fora.

O Sr. Higinio nos expõe o que constituiu esse contato, relatando as diversas mortes ocorridas.

Vendeu o terreno do lado de cá com medo de atravessar com o carro de boi o asfalto, quem morreu atravessando o asfalto foi o pai do José Casimiro Bento, esse também morreu e parece um filho dele também, que morreu atravessando o asfalto, assim que o asfalto saiu que era tudo novidade, as pessoas não conheciam. É esse José Casimiro Bento, o pai dele o toureiro Maneca, tem uma meia dúzia que morreu estupidamente, no asfalto por não ter discernimento, de atravessar, porque não tinha uma passarela não tinha nada. Uma morte trágica que também filha do dentista Luiz Carlos Passos, filha dele com dezoito anos, também morreu de carro, foi atravessar e pegou ela e matou. Morreu uma família de um rapaz que trabalhava no Plaza, ele a mulher dois ou três filhos, eles tinham um DKV, eles foram lá pro Plaza fazer não sei o que e na volta passou um caminhão por cima e matou a família toda. Esse é uma que chocou bastante²².

Itapema com a “cobra preta” (BR-101) se insere num outro tempo, deixando de ser um espaço explorado agricolamente para a sobrevivência, para tornar-se um espaço negociável. A dificuldade em lidar com a modernidade representada pela rodovia federal é latente, fazendo com que os moradores abrissem mão de suas terras à beira-mar ou a leste da BR-101, para não terem que atravessá-la, o que resultou na interiorização dos moradores que se recusavam a transitá-la.

A cidade se abre a outras possibilidades que confrontam seus modos de viver com os dos outros, impondo um tempo de negociações, no qual suas terras passam a adquirir significados diferentes daqueles até então impetrados.

A construção da BR-101, conforme se verificou, valorizou muitos espaços em Itapema, mas em contrapartida fez com que outros simplesmente se restringissem à memória dos que relatam sua existência, acelerou mudanças e transformações, que não acompanharam o tempo da permanência. O confronto entre o novo e o velho, o antigo e o moderno, o conservável e o descartável, passa a compor o mesmo espaço, atribuindo a essa cidade uma educação para novos sentidos, novas formas de convívio tanto no público como no privado.

A cidade deixa de ser aquele local onde todos se conhecem. De acordo com Lapa²³ ocorre um choque entre essa cidade civilizada e moderna com a outra cidade, que se fez presente até então, mas que se vê perdendo visibilidade, a cidade do antes.

Portanto, a BR-101, conforme se pode inferir dos relatos dos moradores de Itapema, ressignifica essa memória dos atores que participaram dessa construção não só asfáltica, mas de um novo tempo que se estrutura, resultado da modernidade anunciada nos discursos dos vários agentes políticos que interagem na região e no Estado.

A nova realidade impõe a era do urbano como símbolo maior do civilizado, enfatizando ainda mais, a discriminação e a urgência de suprimir da sociedade, os espaços considerados arcaicos.

²² OLTRAMARI, Higinio. Ent. cit.

²³ LAPA, José Roberto do Amaral. *A cidade - os cantos e os antros*. SP: Edusp, 1996. p.47-48.